

Acerto provisório demora a sair

Mas clima entre os negociadores indica um desfecho próximo

Roberto Garcia

Correspondente

NOVA IORQUE — Apesar de expectativas generalizadas de um acordo sobre a suspensão da moratória brasileira, a noite caiu ontem sem qualquer anúncio. “Tem que sair hoje, estamos todos trabalhando para amarrar as últimas pontas”, disse um representante dos credores numa das várias interrupções das negociações. Apesar disso, um porta-voz da comissão de bancos que negocia com a equipe brasileira disse que “deve ter surgido algum problema novo”.

Os sinais de que um acordo estava próximo começaram a ser demonstrados logo de manhã pela equipe de negociadores brasileiros caminhando pela Lexington Avenue, no centro de Manhattan. Fernão Bracher, o chefe da equipe, parecia relaxado, divertindo-se com a atenção que as equipes de televisão brasileira conseguiam com os nova-iorquinos, a caminho de seus escritórios. Ele estava no centro das atenções e não demonstrava qualquer desconforto.

Bracher e seus colegas do Banco Central do Brasil entraram no edifício de mármore da firma de advocacia Sherman and Sterling e subiram até

o segundo andar. Jornalistas que acompanhavam a cena empoleirados numa janela de um edifício em frente podiam vê-los conversando animadamente com o presidente do comitê representante dos credores estrangeiros, William Rhodes. Os banqueiros já tinham feito várias reuniões pequenas na manhã de ontem, quando os brasileiros chegaram. Tanto Rhodes quanto o vice-presidente do comitê, Leighton Coleman, do Morgan Bank, estavam sem paletó, exibindo suspensórios coloridos.

O clima era obviamente mais amistoso que nos dias anteriores. Devedores e credores cumprimentaram-se, dividiram-se em pequenos grupos, conversaram enquanto tomavam café e depois começaram a ler documentos distribuídos por uma secretária. Já não se percebia a tensão da noite do sábado, por exemplo, quando Bracher foi visto apontando o dedo para o rosto de William Rhodes, claramente acusando-o de alguma coisa. Soube-se, mais tarde, que um acusava o outro de “negociar pelas páginas dos jornais”.

Nos quase 20 dias de negociação, houve dias de otimismo, de desânimo e quase até desespero, de confraternização dos dois lados e também de ameaças veladas. Um sinal das tensões frequentes tem sido o envio regular de um funcionário do Banco Central para uma farmácia na Avenida Lexington, a fim de comprar antiácido. “Se as coisas continuarem como estão por muito tempo, vamos acabar todos cheios de úlceras”, disse esse discreto funcionário, num raro momento de desabafo.